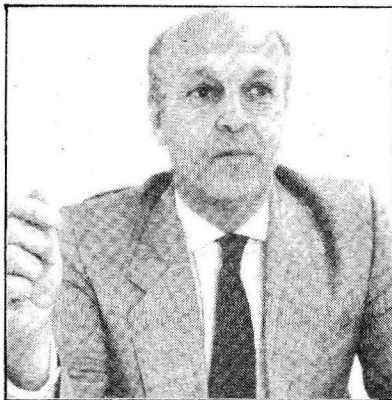


Opinião de um investidor: a demora prejudica o País.

Se o brasileiro for criativo e prático, a conversão da dívida em investimentos poderá trazer grandes benefícios ao País. A opinião é de Ramez Abou Rizk, da RR Investimentos e Participações; e representante do governo do Kuwait na diretoria da Volkswagen. Ele acredita que a definição de regras para a conversão já demorou muito e está trazendo grandes prejuízos para o País, "num momento em que praticamente não existem investimentos".

Para Rizk, a conversão deveria ter uma primeira etapa, experimental, livre, sem deságios ou leilões, com restrições apenas em relação ao montante: US\$ 3 ou US\$ 4 bilhões por ano. O Brasil, comentou, "está devendo esse gesto de boa vontade à comunidade financeira internacional". Impor muitas restrições neste momento, explicou, pode gerar decepção e irritação nos credores, que têm demonstrado grande interesse na conversão.

Segundo Rizk, todos os recursos provenientes da conversão deveriam ser injetados por meio do aumento de capital das empresas ou em novos projetos. A conversão "nunca deveria representar uma simples troca de posição acioná-



Rizk: "Gesto de boa vontade".

ria", pois a finalidade é gerar empregos, fortalecer as empresas e a economia do País. A prioridade, inicialmente, poderia ser dada às empresas voltadas para a exportação ou substituição de importações e aos setores que necessitam de maiores investimentos.

Alternativas

Para maior garantia de que a conversão resultaria em um investimento real, capaz de surtir o efeito esperado na economia do País, Ramez Rizk sugere um prazo de carência de cinco anos para a re-

messagem de dividendos e um período igual ou maior do que o acertado na renegociação para o principal.

Outra alternativa de conversão proposta por ele é a troca de produtos, não tradicionalmente exportados pelo País, por títulos da dívida, sem deságio. Os produtos deveriam ser fabricados por indústrias ociosas, com matérias-primas nacionais e que não sejam o **filet mignon** de nossas exportações. Até mesmo os automóveis, importante item da pauta de exportações brasileiras, poderiam dessa forma ampliar seu mercado no Exterior. E mais, "cada credor poderia se transformar em um vendedor de produtos brasileiros".

Rizk admite que o processo de conversão poderia levar a uma maior emissão de moeda, com consequências inflacionárias, mas entende que, se a conversão for experimental, cuidadosa e parcimoniosa, poderá trazer grandes benefícios para o País e viabilizar, no futuro, a entrada de novos recursos. Ele garante que, de acordo com suas propostas, não haveria risco de desnacionalização. E quem hoje rejeita a conversão sob este argumento teria de rever sua posição, "caso contrário estaria in-

do contra o próprio desenvolvimento do País".

Apesar de defender a troca de créditos por produtos brasileiros, Rizk considera utopia a proposta de o México adquirir títulos da dívida brasileira, com deságio, e trocá-los por produtos nacionais e vice-versa. Uma das razões é que os dois países estão descapitalizados e, portanto, não teriam condições financeiras de comprar os títulos da dívida junto aos credores, mesmo com deságio.

Ramez Rizk espera uma solução para a questão da dívida externa a curto prazo, pois o País não pode permanecer isolado da economia mundial. "Diziam que a dívida externa era o nosso maior problema. No entanto, estamos em moratória há mais de seis meses e não tiramos nenhum benefício", opinou.

Segundo afirmou, o problema brasileiro é interno, pois os dois últimos anos foram péssimos para a economia do País e excelentes para a economia internacional: "Não soubemos aproveitar as condições favoráveis, as baixas taxas de juros e os preços do petróleo. Imagine o que poderá acontecer se a situação se inverter".